

PROCESSOS DE INCUBAÇÃO DE GRUPOS ASSOCIATIVOS, ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL: O CASO DA ASSOCIAÇÃO DOS JANGADEIROS DO PONTAL DE MARACAÍPE, EM PERNAMBUCO.

¹
Jadson Minervino da Fonseca (Brasil), ²
Irenilda de Souza Lima (Brasil).

Resumo.

Neste estudo analisou-se um grupo de Jangadeiros, no momento em que se organizam para desenvolver as atividades produtivas, no contexto de turismo, numa comunidade de pescadores, da Associação dos Jangadeiros do Pontal de Maracaípe, localizada no litoral Sul do estado de Pernambuco, no Município de Ipojuca. Especificamente, a análise foi voltada ao processo de incubação desenvolvido junto a esta Associação, relacionando a incubação com a abordagem de Assistência Técnica e Extensão Rural. Em termos metodológicos, esta pesquisa se caracteriza como qualitativa e como um estudo de caso. Nos procedimentos metodológicos foram utilizadas: entrevistas semi-estruturadas e observação direta. Os resultados dessa pesquisa demonstraram que a mudança da atividade pesqueira para atividade turística trouxe aumento na renda, nas condições de moradia e nas formas de participação e organização política, e que o saber tradicional do pescador proporcionou-lhe um melhor desempenho na nova atividade como jangadeiro. Foi possível constatar que a criação da Associação proporcionou aspectos positivos no tocante à melhoria da qualidade de vida na comunidade. Ao mesmo tempo, observou-se que a experiência do processo de Incubação junto a um grupo de pescadores e ex-pescadores constituiu-se como um cenário de possibilidades para a Extensão Rural, na medida em que pode promover o turismo numa perspectiva da economia solidária, apresentando-se como indutor na construção do desenvolvimento local.

Palavras chave.

Incubação; Extensão Rural; Extensão Universitária; Economia Solidária; Desenvolvimento Local.

INTRODUÇÃO.

A categoria de pescadores artesanais, entendidos de acordo com Ramalho (2006), como Jangadeiros, na região Nordeste do Brasil, vincula-se à ideia de artesão, por ser este o idealizador dos instrumentos manejados.

E nesse sentido, o pescador artesanal torna-se portador de um conhecimento que lhe permite conduzir-se nos caminhos das águas com plena consciência sobre os ciclos destas e do meio ambiente, onde realiza o seu trabalho, sabendo distinguir o calendário lunar, os tipos de ventos, os cardumes e os melhores locais para a pescaria. Sem esse conhecimento, que é adquirido pela experiência de vida, não se faz pescador, conforme Ramalho (2006).

Corroborando com esse entendimento, Cunha (1988) considera que a pesca artesanal não depende apenas da posse material necessária para a realização da mesma. O ato de saber pescar envolve um conjunto de conhecimentos e códigos culturais, criados e recriados, individual ou socialmente, que são transmitidos de pai para filho. Percebe-se, também, nesse tipo de pescador, maiores referenciais de parentesco.

Questões como essas nos levam a perceber que nesta categoria de pescadores, o ato da pesca - muito mais que uma atividade para provimento de alimentos ou recursos financeiros – é sim um projeto de vida em meio às relações sociais que se estabelecem nas comunidades pesqueiras. E desse modo, ainda para Ramalho (2006), a pesca artesanal não pode ser vista apenas como uma consequência da interação do pescador com o meio ambiente e o modo como esses se organizam para se apropriarem do espaço natural. A atividade também assume configurações mediante confronto com o sistema econômico dominante.

Conforme Teixeira,(1988), “os cercos capitalistas” produzem sérias consequências na categoria da pesca artesanal, colocando esses pescadores muitas vezes num “beco sem saída”, frente ao desenvolvimento do sistema de produção. Situação objetiva da

subordinação frente ao desenvolvimento capitalista.

Assim, estes grupos de pescadores precisam recorrer a formas de organizações, para criarem as melhores alternativas de enfrentamentos às novas exigências da sociedade essencialmente competitiva. A organização aparece como uma das propostas e estratégias de sobrevivência. Dessa forma, esses grupos de pescadores migram, muitas vezes, para outras atividades e trabalham menos de pesca, embora as novas atividades estejam no mar e em seu entorno, ou seja, sem muitas vezes abandonar os laços estabelecidos em suas comunidades e nas atividades típicas deste grupo produtivo. No caso das comunidades pesqueiras há um leque de atividades que são típicas destes segmentos. Essas atividades produtivas foram consolidadas ancestralmente definindo como sendo parte do grande universo de práticas sociais e culturais das chamadas “sociedades tradicionais”.

É pertinente lembrarmos que as transformações inerentes aos processos de urbanização crescente, ocorridas em comunidades tradicionais nos ambientes litorâneos, vêm ocasionando mudanças consideráveis no meio físico e nas relações sociais que se estabelecem em muitas vilas de pescadores, que hoje deixam de ser comunidades pesqueiras para serem comunidades litorâneas multifacetárias, onde a atividade pesqueira tradicional abre espaço para conviver com várias outras atividades econômicas, como o turismo, o artesanato e a indústria. (SILVA, 2003).

Assim, nos últimos anos, a prática do turismo tem se expandido em todo o mundo, movimentando a economia mundial e sendo considerado como estimulador da melhoria da qualidade de vida nos núcleos receptores, a partir da melhoria e incremento da infraestrutura básica e atração de investimentos públicos e privados. (FÚSTER, 1985).

Diante disso, a presente pesquisa propõe-se, estudar um grupo de pescadores artesanais, no momento em que se organiza para desenvolver algumas atividades produtivas, no contexto de turismo, no Pontal de Maracaípe, Município de Ipojuca– Pernambuco.

Nesse sentido, a questão do turismo em comunidades tradicionais, como a dos pescadores, pode, inclusive, ser concebida, conceitualmente, ao que na agricultura familiar tem sido denominada de Pluriatividade, pois, analogamente, há uma lógica de gestão e produção familiar na atividade pesqueira. Somando-se a isto, estudos de relações entre comunidades humanas e o mar frequentemente estão marcados pelo uso de conceitos e análises metodológicas extraídas de comunidades camponesas.

Desse modo, podemos compreender que os pescadores artesanais desenvolvem outras atividades - não ligadas diretamente à pesca -, sem no entanto perderem suas identidades como pescadores. Tal exemplo de estratégia de sobrevivência pode nos trazer a possibilidade de que esse fenômeno possa ser visto como alternativa para a construção de políticas públicas de apoio ao desenvolvimento local para aqueles povos que, historicamente, não foram beneficiados pelos modelos de desenvolvimento até então implementados, mas que podem desenvolver outras atividades, sem, no entanto, perder de vista a herança cultural que trazem.

Na medida em que o turismo globalizado, vinculado a grandes empreendimentos se instala nessas comunidades -sem considerar as ocupações anteriores-, não oferecem oportunidades às comunidades pesqueiras, pois não as contemplam em seus projetos, criando, inclusive em alguns casos, reações negativas e de rejeição a esse tipo de turismo global. No entanto, admitimos que, em muitos casos, aconteça a adesão de integrantes de comunidades tradicionais, para servirem de mão de obra para a área de prestação de serviços. E, na maioria das vezes, essa é a única forma de inserção destas pessoas ao mundo do trabalho.

Conforme assinala Barreto (2001), o surgimento de atividades turísticas desenvolvidas em comunidades tradicionais, como é o caso da Comunidade de Maracaípe, em Pernambuco, pode, muitas vezes, vir atrelado a uma série de vantagem para a população dessas comunidades. No entanto, na maioria das vezes, o turismo convencional, com suas

explorações em massa, almejando lucro a curto prazo, demanda investimento de grande porte, causando graves impactos ambientais, perda de valores culturais e o afastamento da população endógena dos benefícios econômicos advindos do turismo. (BARRETO,2001).

No caso das comunidades litorâneas tradicionais, conforme Luchiare (apud FONTES & LAGE, 2003), o que vem ocorrendo é uma sobreposição da ocupação turística em detrimento da ocupação tradicional, na medida em que se instalam nessas comunidades que possuíam um valor intrínseco, sem oferecer alternativas para a população local.

Assim, as comunidades tradicionais enfrentam sérios desafios para os quais, muitas vezes, não estão preparadas. E, nesse sentido, o turismo pode não ser apenas uma nova atividade, fonte de oportunidades, mas também uma séria ameaça ao habitat natural e à cultura de muitas comunidades tradicionais, causando mudanças consideráveis no meio físico e nas relações sociais.

Diante deste contexto, atividades desenvolvidas nessas comunidades, como a pesca artesanal, considerada como um forte símbolo da cultura de comunidades litorâneas marinhas abre espaço para novas atividades econômicas, impulsionadas, na maioria das vezes, pela dinâmica do avanço do capital como a expansão das atividades turísticas, o avanço das indústrias e o aumento da especulação imobiliária. (SILVA, 2003).

Um dos elementos postos na questão é compreendermos que se as comunidades tradicionais precisam diversificar suas atividades para sobreviverem, devem fazer isso de uma forma que gere autonomia e não negue a essência da cultura que representam. O tema é complexo e, neste sentido, os programas de apoio ao desenvolvimento de comunidades tradicionais devem ser melhor analisados.

Essa realidade pode ser observada na comunidade de Maracaípe, no Município de Ipojuca, litoral sul de Pernambuco, particularmente quanto ao trabalho da Associação dos

Jangadeiros do Pontal de Maracaípe- AJPM. Nessa Associação, o serviço de condução de turistas é exercido por alguns pescadores e ex-pescadores dessa comunidade litorânea, inserida no Polo turístico de Porto de Galinhas, pertencente ao Município de Ipojuca, distante cerca de 50 km da capital, Recife.

É importante salientar que a opção por um grupo desta natureza e nesta localidade, como campo empírico para a realização desta pesquisa, deu-se pelo fato de o pesquisador ter atuado junto às ações do Projeto de Incubação de Empreendimentos da Economia Solidária na Cadeia Produtiva do Turismo PORTURISMO-ECOSOL, durante os anos de 2009 a 2012, que foi desenvolvido no Polo turístico de Porto de Galinhas, localizado no Município de Ipojuca, Pernambuco, pela Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares – INCUBACOOOP, da Universidade Federal Rural de Pernambuco- UFRPE. A atuação da mesma teve como objetivo principal fortalecer grupos populares, incrementando ganhos sociais em termos de autoestima, melhor formação para o trabalho autônomo associativo, ganhos financeiros, ampliando a renda das famílias, a partir do aperfeiçoamento de suas competências para produzir, mediante agregação de valor aos serviços e produtos.

O presente estudo faz parte da dissertação de mestrado desenvolvida no âmbito do Programa de Pós Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento (POSMEEX), da Universidade Federal Rural de Pernambuco, e tem como objetivo analisar o processo de incubação desenvolvido junto a Associação dos Jangadeiros do Pontal de Maracaípe, relacionando a incubação com a abordagem de Assistência Técnica e Extensão Rural. Em termos metodológicos, esta pesquisa se caracteriza como qualitativa e como um estudo de caso. Nos procedimentos metodológicos foram utilizadas: entrevistas semi- estruturadas e observação direta.

Contudo, a escolha desta Associação, como campo empírico para a realização desta pesquisa, dá-se pelo fato de estar inserida em uma comunidade tradicional, mesmo desenvolvendo uma atividade de condução de turistas em passeios de jangada. Como

anunciado anteriormente, convém ainda ressaltar que, nos anos de 2009 a 2012, essa Associação vivenciou junto a Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares-INCUBACOOOP, da Universidade Federal Rural de Pernambuco-UFRPE, uma experiência de Incubação de Empreendimentos da Economia Solidária na Cadeia Produtiva do Turismo. Projeto este, apoiado financeiramente pelo Ministério do Turismo e pela Financiadora de Estudos e Projetos do Ministerio da Ciência e Tecnologia- FINEP.

Durante o trabalho de campo, foram realizadas nove entrevistas com membros da AJPM, o que corresponde a um total de 24% de membros da mesma, escolhidos de forma intencional, a partir do processo de incubação. A Intencionalidade dessa amostra residiu na perspectiva de se ter a presença (nela) de jangadeiros que residam na Vila de Maracaípe, sejam membros efetivos da Associação, tenham exercido atividade da pesca antes de integrarem a Associação, tenham participado dos processos educativos desenvolvidos pela INCUBACOOOP, além de aspectos relacionados com a idade.

POR QUE CHAMÁ-LOS DE COMUNIDADES TRADICIONAIS?

Segundo Diegues (2003), a história da pesca teve seu início nos primórdios da civilização, com a exploração dos Rios Tigre, Eufrates e Nilo, no IV milênio antes de Cristo. Sendo considerada uma atividade milenar, a pesca passou a se constituir como produto de acúmulo de informações, obtidas a partir de observações empíricas transmitidas de geração para geração.

Ainda segundo o mesmo autor:

O mar é considerado uma entidade viva por inúmeras populações marítimas que mantêm com ele um contato estreito e dele retiram sua subsistência. Essas populações humanas têm uma percepção complexa do meio marinho e seus fenômenos naturais. De um lado, há um vasto conhecimento empírico adquirido pela observação continuada dos fenômenos físicos e biológicos a ser explorados pela chamada etnociência marítima. De outro lado as

explicações para tais fenômenos também passam pela representação simbólica e pelo imaginário dos povos do mar. (DIEGUES, 2003, p.1).

Compondo esse entendimento, Diegues & Arruda (2001) relacionam como populações tradicionais não indígenas as seguintes denominações: açorianos, babaqueiros, cablocos/ribeirinhos amazônicos, caiçaras, caipiras/sitiantes, campeiros (pastoreio), jangadeiros, pantaneiros, pescadores artesanais, praieiros, quilombolas, sertanejos/vaqueiros e varjeiros (ribeirinhos não amazônicos).

Para Castro (1997, p.165), “essas populações tradicionais são consideradas produtoras de saberes e formas de manejo a eles pertinentes, essenciais na preservação da biodiversidade”.

Almeida (2001) relaciona as populações tradicionais a um tipo de grupo social que se identifica como um agente do processo de desenvolvimento sustentável que apresente um baixo impacto sobre o meio ambiente, e assim, estes são vistos pelo resto

da sociedade. Esse reconhecimento de que as populações tradicionais são importantes na preservação da biosfera é elemento presente num novo estágio de mentalidade acerca preservação ambiental, aliado a necessidade de valorização dessas populações que se organizam de forma diferenciada do restante da sociedade brasileira (SILVA, 2009).

No entanto, um dos critérios mais importantes para definir cultura ou população tradicional está no autorreconhecimento, no pertencimento a determinado grupo social em particular, passando por uma forma de identificação construída ou, algumas vezes, reconstruída, consequência das rupturas e conflitos com os detentores do poder. (Diegues & Arruda, 2001).

Mesmo que estas populações apresentem características associadas à noção do que seriam as populações tradicionais, Diegues & Arruda (2001, p. 28) sugerem a autoidentificação como um requisito ao pertencimento ou não. “Reconhecer-se como pertencente àquele grupo social particular” é um dos critérios para se definir populações tradicionais. Além do

modo de vida dessas pessoas.

DE PESCADOR A JANGADEIRO: O SURGIMENTO DA ASSOCIAÇÃO E ATUAÇÃO DA INCUBACOOOP.

Para construirmos os perfis dos Jangadeiros do Pontal de Maracaípe foram utilizadas entrevistas e observações durante as visitas realizadas no decorrer e, posteriormente, ao Projeto PORTURISMO-ECOSOL. Faz-se importante ressaltar que a amostragem de 09 entrevistados representa o universo desta pesquisa exploratória.

Todos os entrevistados nesta pesquisa são adultos, e casados, encontram-se numa faixa etária entre 24 anos de idade e 48 anos de idade. Ipojuca é a cidade de origem de 04 entrevistados, sendo os outros 03, oriundos da cidade de Recife e os outros 02, oriundos das cidades de Cabo de Santo Agostinho e Jaboatão dos Guararapes, respectivamente. O nível de escolaridade dos jangadeiros entrevistados é baixo, apenas 01 concluiu o nível médio, 02 concluíram o ensino fundamental e 04 apresentam ensino fundamental incompleto.

A maioria dos associados que compõe a Associação dos Jangadeiros do Pontal de Maracaípe-AJPM atuavam como pescadores artesanais e catadores de crustáceos. São filhos de pescadores desta localidade. Mas, há também, dentre esses jangadeiros, aqueles que atuavam como comerciante de alimentos nas praias, garçom e pedreiro. No entanto, quando perguntados sobre sua profissão, os mesmos se reconhecem como pescador, pois assim são identificados na carteira de filiação da Colônia de Pescadores Z12 de Porto de Galinhas. Mas também, há aqueles que se apresentam como jangadeiro: “Eu trabalho com o turismo, sou jangadeiro. Mas eu era catador de aratu. Eu sustentava minha família pegando aratu, e hoje com o turismo”, é o que afirma um dos jangadeiros entrevistados.

A maioria dos entrevistados afirmou que a principal atividade desenvolvida por seus pais sempre foi a pesca, e que, por sua vez, aprenderam com seus avós, configurando a cadeia

de transmissão do saber nas camadas populares, como se vê nos relatos a seguir apresentados:

Minha mãe me sustentou catando aratu e fazendo costura de redes de pesca. Quem quisesse fazer uma tarrafa, ela fazia. (ENTREVISTADO 01).

Meus pais são todos os dois pescadores. (ENTREVISTADO 04).

Meu pai é agricultor e minha mãe é catadora de marisco. (ENTREVISTADO 06).

Quando questionados acerca de sua profissão, afirmam que são jangadeiros. No entanto, alguns fazem questão de enfatizar acerca de suas atividades relacionadas com a pesca. È o que podemos perceber nas falas abaixo:

O período da baixa temporada é quando estou longe da vez e vejo que não vou rodar com a jangada. Aí eu vou pescar um polvo. Pego a minha tarrafa, vou pescar uma sauna, uma tainha. A pesca para mim é fundamental em minha vida. (ENTREVISTADO 03).

Hoje eu não pesco mais. Porque antes eu pescava e vivia da pesca. Hoje se eu disser a você que eu pesco. Eu pesco para mim mesmo, para consumo, para comer. Mas para pescar mesmo para sobreviver de pesca, não. (ENTREVISTADO 04).

Sou pescador ainda, desenvolvendo essa atividade no período de chuva, porque tem que procurar o peixe. (ENTREVISTADO 08).

Atualmente, todos exercem, na Associação de Jangadeiros do Pontal de Maracaípe-AJPM, a atividade de condução de turistas em jangadas. Ao serem questionados sobre qual era sua atividade principal, antes de se integrar à AJPM, alguns informaram que desenvolviam atividades relacionadas com a pesca e a coleta de crustáceos:

Eu sustentava minha família pegando Aratu para vender e fazer casquinho de Caranguejo. Era pescador de crustáceo. Trabalhava a semana toda, sábado e domingo e vendia na praia a casquinha de caranguejo. (ENTREVISTADO 01).

Antes de entrar nessa Associação minha atividade principal era pescar polvo e vender casquinha de siri na praia. (ENTREVISTADO 03).

A atividade da pesca artesanal foi um dos temas abordados nas entrevistas com os jangadeiros. Quando perguntados sobre o que é a pesca artesanal, os entrevistados colocam:

É pescar aquele peixe e vender para o nosso sustento. É porque a gente pegava, a gente vivia do manguezal, pegava lá aquela quantidade todo dia e é dali que a gente trazia a nossa alimentação. (ENTREVISTADO 01).

A pesca artesanal é coletar sem a destruição do meio ambiente. O uso de materiais como bombas, redes ilegais com malhas menores, isso para mim não é pesca artesanal. (ENTREVISTADO 02).

É pescar um peixe na linha, de mão, o caranguejo arrancar mesmo no braço[...] Pescar uma sauna pescar na rede certa, pra mim o certo é pescar no direito certo. (ENTREVISTADO 09).

Segundo Ramalho (2006), os pescadores artesanais trabalham na beira de rios e estuários, na coleta manual de mariscos, sururus, caranguejos, ostras, utilizando para a captura, as mãos, pés e, no máximo, instrumentos como foices, facão, físgas e outros. Utilizam barcos menores, as baiteiras, movidas a remo e/ou velas.

Pelo fato de alguns terem sido pescadores ou até mesmo ainda o serem. Quando questionados qual a relação do trabalho desenvolvido pela AJPM, com a pesca artesanal, um dos entrevistados respondeu:

Um trabalho de educação e também de fins lucrativos. Nosso objetivo é fazer um turismo sustentável e mostrar a essas crianças e aos nossos filhos a importância que tem a preservação do mangue. E através disso, aí a gente ganhar nosso pão de cada dia. A gente pesca o Cavalo-Marinho, mas não é uma pesca predatória, a gente não leva, a gente pesca para mostrar e depois devolver. Mesmo assim eu considero uma pesca. (ENTREVISTADO 03).

Ainda de acordo com Ramalho (2006), os pescadores artesanais embarcados são sujeitos sócio-históricos, que se apropriaram de maneira bastante peculiar de um recurso ecológico particular, por ter seu uso livre e por sofrer mudanças ambientais constantes. Utilizam tecnologias artesanais (barcos, jangadas e redes), independentes de possuí-las ou não. Os pescadores artesanais produzem essencialmente para o mercado, estando subordinados a uma rede de atravessadores, funcionando dentro de um sistema de parceria, regido por

laços de pertencimento a uma parentela, sem que seja na unidade doméstica.

No entanto, há no grupo participante dessa pesquisa aqueles que afirmam que o jangadeiro que foi pescador desenvolve uma melhor atividade de condução de turistas:

No bom comportamento e na recepção ao turista porque ele vai ter uma organização melhor. (ENTREVISTADO 02).

Quando eu vim trabalhar de remar jangada, antes na pesca eu já fazia isso e assim ficou mais fácil. Quem é pescador hoje e vai trabalhar no turismo, na atividade de conduzir jangada, tudo é mais fácil para ele, porque já exercia essa atividade. (ENTREVISTADO 03).

O saber tradicional do pescador proporciona a esses um melhor desempenho na nova atividade de jangadeiros, como relata os entrevistados abaixo:

Um pescador nativo é bom porque ele sabe expressar para o turista sobre a espécie do peixe.[...] Esse conhecimento eu aprendi como pescador e passo para o turista[...]Faz muita diferença esse conhecimento que a gente aprendeu com nossos pais a gente já passa para os turistas e eles acham muito interessante. (ENTREVISTADO 01).

Quem já foi pescador com certeza nas atividades e na prática já é mais esperto do que aquelas pessoas que começam hoje. É mais desenrolado. Isso conta muito na atividade, você já sabe mergulhar, já sabe na atividade de remar a jangada. Então é isso aí, porque uma pessoa que comece hoje aí com os passeios de jangada não vai ter a prática que eu tenho de jeito nenhum. Esse conhecimento de pescador me ajuda muito mesmo. (ENTREVISTADO 04).

O modo de conduzir a jangada, de remar do conhecimento do dia a dia do mergulho e tudo foi através dos conhecimento antigos, que nos já tínhamos na pescaria. E isso ajudou na atividade porque fez a gente ser mais profissionais. Os turistas perguntam sobre os nossos conhecimentos sobre a maré e outras coisas. A gente explica o que sabe a eles. (ENTREVISTADO 05).

Sim a qualidade do passeio é bem melhor. Porque o jangadeiro vai fazer uma pescaria que não vai precisar estar pegando para vender o peixe. O conhecimento dele como pescador ele nunca vai esquecer, ele nas horas vagas, quem é pescador não desiste nunca de pescar ele vai estar no mar pescando à noite e durante o dia fazendo atividade turística.

(ENTREVISTADO 06).

Esse saber do pescador, fundamentado no trabalho desenvolvido por esses jangadeiros, possibilitou um uso diferenciado do espaço aquático do pontal de Maracaípe. No entanto, ao debater acerca do valor e reconhecimento da atividade dos pescadores, esses percebem a atividade, na esfera da representação social, como algo difícil e sem valor. Como explicam:

[...] é uma vida muito sofrida, pois as pessoas exploram muito o pescador. Ele pega um barco desse a motor, divide em duas ou três partes e quem ganha é o “pombeiro” aquele que compra o peixe e já vende por outro preço. Assim o pescador é uma vida muito sofrida. (ENTREVISTADO 01).

A principal dificuldade é o meio de vida do pescador. Muitos pescadores pegam o barco, vão para o mar e passam de quatro a cinco dias, não tem um local adequado para dormir, passam por um grande risco de um navio passar por cima e não tem nenhum conforto. Além de ser uma pesca que puxa muito pelo pescador e é arriscada. (ENTREVISTADO 03).

A dificuldade da pescaria é quando a pessoa vai fazer a pesca e não consegue pegar o peixe, a dificuldade é essa. Você luta para ter aquela pesca e nada. (ENTREVISTADO 04).

Aqui ninguém ganhava dinheiro tudo mundo pescava, toda praia. Todo pescador dependeu do peixe não para vender mais para comer. Esse era o meio de vida da gente, não tinha quem comprasse nada. (ENTREVISTADO 05).

De acordo com Lukács (1978), o cotidiano pesqueiro é resultante das respostas conferidas pelos pescadores, de acordo com o avanço do capitalismo sobre as áreas costeiras. De modo que as ações do capital não se dão de modo linear, nem tampouco, uniformizadas. No entanto, essas ações terminam por incidir na depredação e exclusão dos pescadores das áreas de pescaria.

Na pesca eu ficava no objetivo de pegar aquela quantidade de levar para casa agora com o turismo é diferente. É difícil de trabalhar com eles, pois é um pensamento diferente. Uns se agradam do seu trabalho e gostam, mas outros por você está cobrando esse valor ele já pensa que você está explorando ele. Aí eu falo para o turista, você não esta pagando para ver apenas o cavalo marinho não. Você está pagando para ver toda essa beleza, para ver os crustáceos. Porque o foco deles é só o cavalo marinho. (ENTREVISTADO 08).

Entretanto, o fato de estarem realizando a atividade de condução de turistas melhorou em alguns aspectos relacionados à condição de vida que tinham anteriormente, como explicam esses jangadeiros:

Você fica uma pessoa mais desenrolada, perde mais o acanhamento, por que você está lidando com todo o tipo de pessoas. Então isso para mim é fundamental, hoje em dia se eu fizer uma entrevista com mil pessoas eu não tenho tanto nevorsismo como eu tinha antigamente, porque é o dia adia da gente é lidar com pessoas. (ENTREVISTADO 03).

Melhorou para mim a forma de explicar as coisas, as pessoas. O conhecimento é bom e cada vez eu você vai se aperfeiçoando vai se buscando mais o conhecimento. Isso aí para mim foi o melhor. O modo de se comunicar com as pessoas que não se tinha e isso para mim mudou. (ENTREVISTADO 05).

Hoje eu não sou mandado por ninguém, eu faço o meu passeio em paz, não recebo ordem, a única coisa que eu faço é dar explicação para o pessoal. (ENTREVISTADO 07).

Mas, a principal melhoria, segundo eles, ainda reside na questão financeira:

Mudou tudo. Hoje em dia eu dou mais conforto a minha família. Hoje em dia eu dou uma boa educação ao meu filho, pago uma escola particular que antes eu nunca tive isso. Hoje em dia meu filho tem a vida que eu não tive a vinte e cinco anos atrás. (ENTREVISTADO 03).

Muitas coisas mudaram. Hoje eu posso sonhar pelo serviço hoje que eu represento na Associação de Jangadeiros do Pontal. Antigamente nem isso passava pela mente de você sonhar em ter alguma coisa, ter um teto. Hoje eu tenho conforto devido ao turismo, que antes não tinha. (ENTREVISTADO 07).

De acordo com Buarque (2002), os processos de globalização, a diversificação econômica e o avanço acelerado das tecnologias da comunicação passaram a diversificar também os atores sociais e suas formas de organização.

Na Vila de Maracaípe, a criação dos passeios de jangada no Pontal surgiu como uma forma alternativa de geração de trabalho e renda, a partir da iniciativa de pescadores desta Vila,

que passaram a desenvolver essa nova atividade produtiva conduzindo turistas em jangadas, anteriormente utilizadas na atividade pesqueira.

Callou (2006, p.03) explica que “diante das frágeis condições de organização social, particularmente nos contextos rurais” o Estado tem usado a participação de comunidades organizadas em cooperativas, associações, sindicatos, entre outros, como estratégia de desenvolvimento.

Percebe-se, a partir dos relatos dos entrevistados, que esta iniciativa começou de forma acanhada, porém, com o passar do tempo outros pescadores despertaram interesse pela atividade:

Começou com dois jangadeiros fazendo um passeio ecológico aí acharam interessante esse peixe que é um peixe raro, o Cavalo marinho, assim surgiu esse passeio. Começaram fazendo um passeio ecológico sem apresentar o cavalo marino, passeando e vendo essa paisagem [...]. Assim acharam interessante aí pegou a moda e todo mundo agora só vem mais para ver o Cavalo Marinho. (ENTREVISTADO 01).

O passeio de jangada surgiu entre os pescadores voltando da pesca no mar para dentro do estuário. E passando á beira mar que tem sempre turistas, alguns turistas ofereceram dinheiro para que fosse feita a travessia para o outro lado da margem, para fazer fotos. E ao quererem ir um pouco mais a frente para conhecer o estuário. Daí em diante se levantou a possibilidade do jangadeiro que iniciou isso a locomover uma equipe de sete pessoas para começar a ganhar dinheiro, fazendo esse passeio turístico [...] (ENTREVISTADO 02).

Entretanto, com o passar do tempo, outros moradores da Vila perceberam nessa atividade uma possibilidade do aumento da renda e forçaram a entrada no grupo, como relata o entrevistado 06:

A gente viu que o negocio deu certo e tinha muita gente querendo entrar para ser jangadeiro [...] E daí surgiu a ideia da Associação.[...] Então resolvemos fazer a AJPM, a gente montou uma diretoria e assim formou a Associação. (ENTREVISTADO 06).

Segundo Coriolano (2009), a saída, em muitas comunidades, para questões problemáticas

está na construção de outras formas de turismo que passem por uma concepção de participação e no fortalecimento dos sujeitos sociais. Consideramos importante o estímulo aos processos de organização das pessoas para o exercido de atividades produtivas, no caso o turismo em muitas dessas comunidades, como uma resposta ao turismo invasor indesejado, de natureza excludente e mantenedor do status quo.

A partir da criação da AJPM, o grupo de 38 jangadeiros passaram a desenvolver uma nova atividade produtiva para a qual não haviam sido treinados. A falta de uma formação para atuarem com o turismo apresenta-se como a principal dificuldade inicial, como podemos observar na fala:

[...]Então eu chamava meus colegas nativos para fazer a atividade e eles não queriam fazer, porque não sabiam conversar com os turistas. Então eu disse, vai lá basta só mostrar o manguezal, que isso que eles querem ver. E daí o Nino chegou, depois chegou o Galo, depois foi chamando Leo também. E Leo foi quem começou junto comigo[...] (ENTREVISTADO 06).

No inicio a única formação que eu recebi foi o conselho que meus primos dos meus amigos, para tratar o pessoal direito na jangada. (ENTREVISTADO 07).

Embora a dificuldade inicial de tratar com turistas fosse um complicador naquele momento, os jangadeiros evidenciam que a necessidade financeira foi a principal motivação que influenciou você a participar nesta associação:

A principal motivação para entrar na Associação foi fonte de renda. Como eu conto para os turistas, antes a minha vida era bastante sofrida. Eu tinha que começar na segunda-feira a pescar o aratu porque o turismo aqui era muito pouco. No tempo em que eu vendia era R\$ 2,50 o quilo. Se fosse entregar no restaurante. Pagariam pouco [...] (ENTREVISTADO 01).

Eu buscava uma renda melhor para a minha família [...]Hoje em dia nós sobrevivemos do turismo. O turismo veio para ajudar, para dar uma força para construirmos uma casa melhor, comprar alguma coisa de necessidade para nossa família. (ENTREVISTADO 05).

Um fenômeno que também foi possível identificar nessa pesquisa é que, após a criação da Associação, outros aspectos referentes à melhoria da qualidade de vida na comunidade

foram evidenciados para outros grupos de trabalhadores, como explicam esses jangadeiros:

Antes poucos jangadeiros tinham suas casas e suas casas eram de barro e hoje todos têm suas casas de tijolos, bem equipadas com tudo que eles desejavam ter dentro de suas casas. Eles tem hoje equipamentos eletrônicos, casa completa e antes eles não tinham como obter esse dinheiro com a pesca. Trouxe também benefícios para as meninas que trabalham com artesanato e também para os guias mirins que hoje trabalham junto com a gente. Hoje a Associação colabora com a comunidade também na organização de festas aniversário do local. Agente sempre esta presente colaborado com o pessoal. (ENTREVISTADO 02).

Houve com certeza tanto no lado do comercio como também no lado da educação. Os nossos filhos e as crianças da comunidade não sabiam a importância do mangue, o que era o mangue. Hoje e dia através da Associação junto com as professoras sempre trazem essa informação para a comunidade. E isso é muito importante, saber o que é o mangue e a importância que o mangue tem em nossas vidas. (ENTREVISTADO 03).

O emprego se desenvolveu mais, não tinha emprego para a gente, a gente vivia só da pesca e na tinha como coisa alguma para dentro de casa, só o peixe. E agora graças a Deus nos temos trabalho. Dá para manter a nossa família. (ENTREVISTADO 05).

De acordo com Almeida e Silva(2001), o turismo, para gerar desenvolvimento local, deve incluir as populações locais, de forma a contribuírem na formação de uma consciência crítica e responsável, que atue sobre o meio ambiente de forma sustentável e positiva, tanto no estabelecimento da atividade quanto na melhoria da qualidade das famílias. Desta forma, é importante que os gestores do turismo estimulem o desenvolvimento local nas ações desenvolvidas com esses grupos.

As ações do Projeto PORTURISMO-ECOSOL, desenvolvido pela INCUBACOOOP, junto a Associação dos Jangadeiros do Pontal de Maracaípe buscaram favorecer a inclusão social e econômica através do turismo e da economia solidária. Buscou-se apoiar, na região de Porto de Galinhas, organizações e/ou grupos de trabalhadores e trabalhadoras que produzissem bens ou serviços em estreita ligação com a cadeia produtiva de turismo.

Inicialmente, foram empreendidas reuniões com o grupo, no próprio local de trabalho, levantando informações referentes aos passeios de jangada e à organização da Associação. Posteriormente, em um outro momento, foram levantadas informações inerentes à gestão da Associação, parcerias e perspectivas futuras.

Muitos relatos evidenciavam uma grande desconfiança para com o Projeto, e, a cada momento, eram feitas referências às parcerias anteriormente realizadas. No entanto, era unânime a necessidade de organização do grupo frente à oportunidade que o Projeto possibilitava. Com o aceite da grande maioria, para início das ações do processo de Pré-incubação, ficaram definidas as datas de encontros e as estratégias de divulgação da Associação. Além de uma proposta de pesquisa de satisfação junto aos turistas.

Com a realização dos encontros semanais, passaram a ser empreendidas discussões acerca de uma maior motivação dos Associados e uma maior inserção desses grupos na Cadeia Produtiva do Turismo desta região. Todos os integrantes passaram a vivenciar processos significativos de produção de sinergia, sendo, então, assinado por todos eles, o termo de compromisso junto a esse processo de incubação.

Em função de ingerências de diretorias anteriores, a falta de recursos financeiros no caixa da Associação era um assunto recorrente, e fez surgir discussões acerca da realização de passeios com vistas às contribuições mensais para o fortalecimento financeiro do caixa e futuro suprimento das despesas necessárias para a regularização documental.

Nesse sentido, ficou instituída a realização de passeios, visando contribuições mensais, onde cada participante realizaria, a cada dia do mês, o primeiro passeio. Essas contribuições financeiras possibilitaram a regularização do Alvará de Funcionamento, a quitação dos débitos com a Receita Federal - referente aos anos anteriores - e a contratação dos serviços de contabilidade. Também, o custeio de despesas inerentes à quitação de débitos por serviços prestados e despesas com deslocamento.

Ainda, a partir das ações Projeto PORTURISMO-ECOSOL, foram realizadas atividades de capacitação e acompanhamento visando à organização jurídica da Associação, gestão dos recursos naturais e economia solidária. Além de construções acerca de uma maior diversificação dos serviços oferecidos e melhor atendimento aos turistas.

Os processos de incubação de grupos populares devem estar fundamentados em planejamentos construídos de forma participativa, entre os componentes destes grupos e os técnicos de incubação. É pertinente lembrar que os processos de incubação são temporários e muito além das variáveis econômicas, as dimensões políticas e sociais devem ser contempladas na busca por melhores indicadores. Nesse sentido, visando à superação de um modelo de heterogestão, alicerçado na burocracia e que se encontra instalado em nossa sociedade atual, os processos de incubação devem primar por uma metodologia autogestionária.

Nesses processos de autogestão, a participação efetiva dos membros nas tomadas de decisão são extremamente importantes, entendendo a participação como algo abrangente, por considerar três vetores básicos: o fazer parte, pertencer à organização, o ter parte, os membros destes grupos terem o sentido da propriedade comum, e o tomar parte, isto é, tomar decisões. (TINOCO, 1993).

No que se refere à atuação da INCUBACOOP, percebe-se que ao descreverem o trabalho que foi desenvolvido pela mesma, os jangadeiros demonstram que vivenciaram ações educativas e de organização, pautadas no diálogo, com foco na valorização e respeito à natureza.

A gente teve mais noções dos acontecimentos. A gente agora tem mais consciência que temos que cuidar mais disso aqui e que nem toda a hora é só o dinheiro, e também o cuidado que temos que ter com a natureza. Isso que vocês passaram foi muito importante para a gente. (ENTREVISTADO 01).

A INCUBACOOP foi muito interessante, ela conseguiu colocar em nossa

mente aquilo que a gente não tinha. Muitas vezes sabe-se que nos pescadores não tivemos privilégio de estudar como muitos estudaram. Através da Incubadora ela trouxe para agente como ser mais educado, preservar o meio ambiente, dar valor aquilo que nos fazemos, fazer com amor, fazer com carinho. E também trouxe toda uma organização para agente. A gente se organizou mais através da INCUBACOOP. (ENTREVISTADO 03).

Eu considero que o trabalho desenvolvido pela Incubadora foi um ótimo trabalho, a gente estava precisando de um trabalho desses. [...] A gente estava precisando porque estava muito desorganizado. E a gente estava precisando que chegasse um grupo desses que trabalha junto a Associação para poder contribuir com melhorias para a gente. (ENTREVISTADO 04).

Sobre as principais contribuições que o processo de incubação trouxe para a AJPM foi possível identificar que alguns jangadeiros consideram que a INCUBACOOP proporcionou melhorias na organização funcional da Associação, além da inovação com criação de estratégias para melhor atendimento aos turistas. È isso que se explica nos comentários abaixo:

[...] vocês trouxeram aquela solução da cabine, onde o próprio turista vai lá na cabine comprar os ingressos e depois que aconteceu essa contribuição o atendimento turístico ficou bem melhor, o controle com o dinheiro ficou bem melhor para a gente também[...] (ENTREVISTADO 03).

Considero que as principais contribuições do processo de incubação foram os cursos que foram desenvolvidos, a parte da organização do atendimento aos turistas com a implantação da cabine, com as fichas, com os folders que foram produzidos, as informações que vocês trouxeram também, junto com o grupo. Além da parte de organização dos nossos documentos que também não estava legal foi muito bom, isso foi ótimo e muitas coisas que os jangadeiros aprenderam e que não sabiam. (ENTREVISTADO 06).

Para a Associação a INCUBACOOP trouxe contribuições. Você hoje ver que a cabine está aí, os jangadeiros estão saindo na hora certa, não está saindo naquela bagunça que era antes. Hoje está mais organizada como era antes, através de vocês a Associação da gente está mais tranquila hoje. (ENTREVISTADO 07).

Há aqueles jangadeiros que evidenciam em seu discurso o fortalecimento da identidade do grupo:

[...]A nossa Associação se fortaleceu muito através desse trabalho que vocês fizeram com a gente. A gente viu que foi um trabalho honesto que vocês fizeram conosco [...] (ENTREVISTADO 01).

A INCUBACOOOP trouxe mais benefícios para a Associação e mais conhecimentos e isso aí fortaleceu o nosso grupo quanto jangadeiro. Fortaleceu também em termos de conhecimento [...] (ENTREVISTADO 05).

A participação nas atividades do Processo de Incubação foi levantada por um dos entrevistados:

[...] É muito difícil quando se trabalha em grupo, a união de todos não é igual. Bom seria que todos tivessem bem focados no que estava para acontecer e estava para ajudar. Mas nem todos estavam afim de ir para as reuniões, ter conhecimento, ter mais reconhecimento do trabalho. Eu acho que a gente tem que ir a todas reuniões, porque através das reuniões nos vamos buscando mais conhecimento [...] (ENTREVISTADO 05).

À medida que as incubadoras de cooperativas valorizam os trabalhos coletivos, possibilitam um processo de inserção social para que estes grupos consigam um maior nível de organização. Nesse sentido, o envolvimento da universidade como um dos instrumentos de mediação, contribuiu na AJPM, para a consolidação de laços sociais.

Desta forma, quando indagados se a Universidade está preparada para desenvolver esse trabalho com os jangadeiros, eles responderam:

Rapaz, um trabalho como esse que vocês fizeram com a gente se outras comunidade enxergasse esse trabalho, muitos só tinha só a crescer. Com qualquer grupo a Universidade tem capacidade de trabalhar. Porque a gente viu que foi um trabalho honesto, e o que vale é a honestidade e ela trabalhou honestamente conosco, pois teve muitos trabalhos que entraram aqui em Maracaípe e não tiveram a honestidade que vocês tiveram conosco. (ENTREVISTADO 01).

Sem dúvida nenhuma nem só para os jangadeiro como para outras associações que estão aí sofrendo é muito importante porque através de vocês pode-se fazer um grande negócio. (ENTREVISTADO 03).

Sim, a Universidade esta preparada com certeza. Preparada não só fazer um trabalho com essa Associação, mas com qualquer outra. (ENTREVISTADO 04).

Com a intenção de analisar o desempenho do trabalho desenvolvido pela INCUBACOOP, os jangadeiros foram perguntados sobre a sua consideração acerca do que haviam vivenciado nesse processo de incubação. Eles responderam:

Considero que teve bastante melhorias, melhorou bastante mesmo. Na atenção ao turista que antigamente não tinha, mais união para o Grupo dos Jangadeiros depois que a INCUBACOOP entrou uniu bastante agente dos jangadeiros que era muita briga. Foi a melhor coisa que teve foi a INCUBACOOP na Associação. (ENTREVISTADO 04).

Eu acho que uma pessoa que venha a trabalhar com grupos como o nosso deve ter a cabeça centrada no trabalho. Precisa ter um pouco do conhecimento do que vai falar para o pessoal do que vai mostrar para que o passeio seja bem divulgado lá fora. Acho que a INCUBACOOP só trouxe benefícios para a gente, trouxe conhecimento, para fortalecer o nosso grupo. (ENTREVISTADO 05).

Eu considero a INCUBACOOP como uma grande parceira. Teve um diferencial muito grande levando a gente a conhecer outros grupos. (ENTREVISTADO 06).

Vocês estão de parabéns, através de vocês que hoje que a Associação está organizada. A Associação está com as jangadas todas pintadas, jangadeiros todos com seus cestos de lixo que antes não tinha. O manguezal da gente todo limpo, que não tinha antes, coordenador tudo certo e hoje a gente está mais tranquilo, através de vocês. [...] (ENTREVISTADO 07).

Os entrevistados também propuseram algumas sugestões que pudessem melhorar o trabalho que foi desenvolvido pela INCUBACOOP:

A minha sugestão é para que as pessoas tivessem mais consciência. Que se dedicassem mais a todo o tipo de trabalho que viesse da INCUBACOOP. Por que eu acho que agente ficou devendo, as vezes tinha muitas reuniões e não estava todos do grupo. Que todos se dedicassem mais para ser ter mais força, ter mais conhecimento para não ter tanta polemica no trabalho. (ENTREVISTADO 05).

A sugestão é unir a INCUBACOOP com a gente e a gente se unir com as Associações locais, que são Associações de bugueiros, Associação de jangadeiros de Porto de Galinhas que são coisas que dentro do município está precisando. Juntar a Associação já que trabalhar com o Cavalo Marinho

com o Projeto Hipocampus que é um parceiro muito forte também e que pode nos ajudar bastante e junto com a Prefeitura. E juntando tudo isso com os hotéis a gente trabalha bem mais tranquilo com o turismo. (ENTREVISTADO 06).

O trabalho desenvolvido pela INCUBACOOOP junto a AJPM os levou a almejar uma formação melhor, possibilitando uma reflexão acerca do desenvolvimento de suas atividades na condução de turistas, muito além da lógica do turismo competitivo, buscando uma lógica de turismo que possibilitasse construção do desenvolvimento local através da atividade turística.

Isso nos remete à necessidade de um trabalho de Incubação de grupos populares, comprometido com os processos de gestão do desenvolvimento local e com o compromisso de oferecer assistência técnica permanente, cumprindo os princípios e objetivos da Lei 12.188, de 11 de janeiro de 2010, que institui a Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (PNATER, 2010). No entanto, com a descontinuidade das ações do Projeto PORTURISMO-ECOSOL, os jangadeiros, de certa forma, tiveram o processo de incubação interrompido. Essa questão pode ser observada na fala do entrevistado 01:

Esses jangadeiros aqui que desacreditavam, pensavam que pessoas que viam para cá só era para tirar o que agente tinha. Mas não, vocês vieram com a força de vocês, com a inteligência que vocês tem na pratica e na teoria trazer para a gente. A gente só tem a agradecer. Mas acho que agente precisa passar também o crédito que vocês passaram para a gente e a honestidade que vocês passaram para os jangadeiros e que trabalharam honestamente e não foi negócio de política não. Foi negocio limpo mesmo. Vendo que nos temos pouca capacidade de estudo vocês vieram e passaram essa capacidade de estudo para agente. Que pena que os jangadeiros quando vieram acreditar nisso o contrato tinha acabado. Que pena não é ? (ENTREVISTADO 01)

Segundo Almeida e Silva (2001), é de extrema importância que os gestores do turismo estimulem o processo do desenvolvimento local, através da mobilização desses atores sociais, incentivando a participação e a inclusão dos mesmos em processos educativos. Para que as atividades turísticas possam gerar desenvolvimento local, deve incluir as populações locais, de forma a contribuir para a formação de uma consciência crítica e responsável,

atuando sobre o ambiente de forma sustentável e positiva, tanto para o estabelecimento da atividade quanto para a melhoria da vida das famílias que residem nas comunidades locais. No entanto, a continuidade das ações de assistência técnica é ponto fundamental também para o desenvolvimento local.

CONCLUSÃO.

Atendendo ao objetivo de analisar o trabalho de incubação junto a um grupo de pescadores artesanais foi possível, inicialmente, constatar que esses jangadeiros estão ainda caracterizados como uma população de pescadores, porque mantêm as atividades da pesca, mesmo que às vezes, com menos frequência, mas cuja forma de viver é fruto de um contexto cultural onde nasceram e se desenvolveram até chegarem à idade adulta. Se alguns, de fato, não exercem mais a atividade de pesca, todavia estão intimamente ligados à cultura pesqueira, e desenvolvem suas atividades na Vila de Maracaípe, e, desde muito cedo, aprenderam a atividade da pesca com familiares e amigos.

Ainda foi possível concluir que houve um crescimento da atividade turística na região de Porto de Galinhas e, por consequência, na Praia de Maracaípe, e assim, esses pescadores encontraram, na condução de turista em jangadas, uma nova atividade produtiva para garantirem a sobrevivência de suas famílias. Considerados tradicionais, passaram a utilizar seus conhecimentos técnicos, obtidos na pesca, na nova atividade como trabalhador do turismo.

Segundo a literatura consultada, nas últimas décadas, muitas comunidades de pescadores artesanais têm-se pauperizado, e muitas vezes isso se deve a fatores ligados ao modelo de exploração econômica, que passa pela inviabilização de suas formas tradicionais de viverem e produzirem. Uma das mais fortes marcas da influência negativa do modelo capitalista sobre a vida e a prática das comunidades pesqueiras está na especulação

imobiliária em áreas litorâneas, exploração predatória em áreas de pesca e depredação ambiental.

A saída, muitas vezes, para estas questões está na construção de outras formas e estratégias de sobrevivência. Uma dessas formas de apoio às alternativas de sobrevivência está nas formas associativistas de organização. Neste sentido, o apoio externo, através da metodologia de incubação mostrou-se pertinente. A participação e fortalecimento desses sujeitos sociais e o estímulo aos processos de organização das pessoas para o exercício de atividades produtivas vieram juntos com a atividade de turismo sustentável - ao contrário do turismo convencional que aparece como um modelo invasor, predador e de natureza excludente.

Entendemos que a experiência da Associação dos Jangadeiros do Pontal do Maracaípe representa um processo de construção coletivo, podendo ser considerada como um esforço ao desenvolvimento local, na medida em que mobilizou integrantes da comunidade, com vistas a utilizarem suas capacidades e experiências na geração de novos postos de trabalho, estimulando a valorização do crescimento profissional, o que foi possível pela mediação do processo de incubação, realizado pelo INCUBACOOP, da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Nesse sentido, a partir deste estudo, foi possível confirmar que as experiências associativas, voltadas aos princípios da Economia Solidária, podem favorecer a inclusão socioeconômica junto às diversas cadeias produtivas e, em especial, neste caso do Turismo, destacando, sobretudo, a dimensão econômica, ou seja: criação e consolidação de oportunidades de trabalho e de renda.

Desta forma, buscamos articular a dimensão do desenvolvimento local, com a abordagem da extensão rural, da incubação de grupos populares e a necessidade de respeito e valorização do conhecimento local.

Consideramos pertinente pensar que o processo de incubação desenvolvido pela INCUBACOOP junto à Associação dos Jangadeiros do Pontal de Maracaípe atende aos princípios da nova Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural- PNATER, desenvolvendo seus trabalhos fundamentados em metodologias participativas, em processos educativos, diálogo de saberes e práticas sustentáveis. Além de possibilitar a mobilização de grupos e iniciativas populares em processos de organização e participação na perspectiva da Economia solidária. Ao mesmo tempo em que, sendo um trabalho realizado por um segmento de uma universidade pública, reforça a indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão.

Desta forma, fizemos, no âmbito deste estudo, uma relação à Extensão Rural, atribuindo ao processo incubatório de segmentos populares a pertinência de pensá-los como extensão rural.

Entendemos que a experiência desenvolvida no projeto PORTURISMO-ECOSOL pela Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares-INCUBACOOP da UFRPE, representa uma possibilidade de contribuição para reflexões sobre um modelo de Extensão Universitária, fundamentado nos princípios da Economia solidária, que pode contribuir para a definição de uma abordagem no campo da assistência técnica e extensão rural, no contexto de comunidades tradicionais.

A incubação realizada com este grupo trouxe a contribuição principal de fortalecer a gestão do processo de turismo para o desenvolvimento local e, a partir deste projeto estudado, foi possível visualizar que as ações de políticas públicas e assistência técnica, voltadas para esses povos tradicionais, podem ser campo de prática de extensão universitária.

As contribuições do processo de incubação para a AJPM foram executadas pela Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares – INCUBACOOP, da Universidade Federal Rural

de Pernambuco – UFRPE. Além do fortalecimento deste grupo produtivo, a Associação fez algumas aproximações entre o processo de incubação a grupos populares e à extensão rural. Consideramos que as estratégias metodológicas - também utilizadas como processo de incubação que são inerentes ao trabalho de extensão rural, como prática de apoio a uma comunidade tradicional de pescadores em suas atividades com turismo -, extrapolaram na possibilidade de que essa organização para o turismo também os condiciona ao fato de que, ao estarem organizados, podem partir para busca de outras conquistas sociais que sejam importantes para o desenvolvimento das comunidades de onde são oriundos.

Assim, com os resultados da pesquisa foi possível compreender melhor a dimensão do trabalho com grupos populares, reconhecendo que o bom andamento deste tipo de ação exige muita dedicação, o que significa - em trabalho de acompanhamento -, escolhas de metodologias adequadas para a perspectiva de resultados de empoderamento e emancipação dos grupos apoiados. Faz-se necessário, também, respeitarmos o tempo de cada grupo, não achando que novas ideias vão revolucionar o grupo do dia para a noite. É pertinente que cada nova ideia seja discutida com o grupo e que, estimulados, busquem suas próprias soluções.

No entanto, esta pesquisa suscita a necessidade de novos estudos que analisem o trabalho de incubação junto a grupos tradicionais, relacionando a incubação com a abordagem de assistência técnica e extensão rural, identificando como essas populações estão se apropriando da proposta de turismo e a contribuição dessas para o desenvolvimento local.

REFERÊNCIAS.

ALMEIDA, J.A.; SILVA, M.F.O Turismo rural transformando os pápeis do grupo familiar. In: 3o CONGRESSO BRASILEIRO DE TURISMO RURAL, Piracicaba. Anais. Piracicaba: FEALQ, 2001.

BARRETO, M. Manual de iniciação ao estudo do turismo. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

BRASIL. Presidência da República. Lei No 12.188, de 11 de janeiro de 2010. Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural para a Agricultura Familiar e Reforma Agrária-PNATER: Brasília, 2010. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato20072010/2010/Lei/L12188.htm Acesso em 25 de julho de 2013.

BUARQUE, S. Construindo o Desenvolvimento Sustentável. Rio de Janeiro: Geramond, 2002.

CALLOU, A. B.F. Extensão Rural: polissemia e memória. Recife: Bagaço, 2006.

CASTRO, E. Território, biodiversidade e saberes de populações tradicionais. In: CASTRO, E.; PINTON, F. (Orgs.). Faces do trópico úmido: conceitos e questões sobre desenvolvimento e meio-ambiente. Belém: Editora Cejup, 1997.

CORIOLOANO, L. M.T. “O Turismo Comunitário no Nordeste Brasileiro.” In: Turismo de Base Comunitária: diversidades de olhares e experiências brasileiras, por R. BARTHOLO, D. G. SAN SOLO e I. BURSZTYN. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.

CUNHA, L.H de O.. O pescador artesanal na ótica do Urbano-industrial. In: Revista Raízes-Revista de Ciências Sociais e Econômicas, UFPB-II. Campina Grande, no 7, ano 9, vol. 5, jun. 1988.

DIEGUES, A.C. A interdisciplinaridade nos estudos do mar: o papel das ciências sócias. In: SEMANA DE OCEANOGRAFIA, INSTITUTO OCEANOGRÁFICO DA USP, 15.2003, anais. São Paulo: NUPAUD, 2003. Disponível em: <http://nupaub.fflch.usp.br/sites/nupaub.fflch.usp.br/files/color/interdis.pdf> Acesso em: 01 mar. 2013.

DIEGUES, A.C.S. e ARRUDA, R.S.V. Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil. Biodiversidade 4. Ministério do Meio Ambiente. Brasília, São Paulo: Nupaub/USP. 2001.

FONTES, E. O., e C. S. LAGE. “Apropriação do espaço pelo Turismo em Sauípe e seu impacto no desenvolvimento local.” In: Turismo comunitário e responsabilidade sócio-ambiental., por L. N.M.T. et al. CORIOLOANO. Ceará: EDUCE, 2003.

LUKÁCS, Georg. As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem. In: LUKÁCS et al. (Org.) Temas de Ciências Humanas. São Paulo, Livraria Editora Ciências Humanas, 1978.

RAMALHO, C.W.N. Ah, esse povo do mar! Um estudo sobre trabalho e pertencimento na pesca artesanal pernambucana Recife: Polis, 2006.

SILVA, J. S. “Experiência de uma organização governamental nas comunidades pesqueiras do Ceará.” In: P. Rural, Extensão pesqueira: desafios contemporâneos. Recife: Bagaço, 2003.

TEIXEIRA, O. In revista Raíze- Revista de Ciências Sociais no7, ano 9, vol.5. Campina Grande: UFBP-II, Jun/1988. A. O processo de proletarianização da pequena produção pesqueira na capital: algumas evidências.

TINOCO, J. E. A participação no processo de gestão: reflexões sobre a prática. Série textos acadêmicos, n. 2. Recife: UFRPE, 1993.

¹ Graduado em Agronomia, Licenciado em Ciências Agrícolas e Mestrando do Programa de Pós Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local da UFRPE. Correio eletrônico :jadsonfonseca@yahoo.com

² Professora do Programa de Pós Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local/POSMEX – UFRPE. Correio eletrônico: irenilima@hotmail.com.